

O HUMANO E A DIMENSÃO TÉCNICA

*Maurílio José de Oliveira Camello*¹

*Luís Maurílio da C. Camello*²

RESUMO

O presente artigo trata da questão da técnica em sua relação com o humanismo. Não se estranha mais a profundidade e a extensão da “tecnicidade” na construção da “humanitas” do homem contemporâneo. “Somos” na técnica – o que levou há muitos anos Heidegger a afirmar que a técnica era a metafísica de nosso tempo. O trabalho, a ética e a riqueza (ou pobreza) do homem são realidades que se inserem hoje na técnica, são por ela marcados e direcionados. Nessa mesma inserção está o conhecimento, como é produzido e exposto na organização técnica em que se tornou a escola. A própria administração da Justiça é profundamente técnica. Os problemas que nascem daí são o que se há de pensar para se ter alguma lucidez sobre a sorte do homem.

Palavras-chave: Técnica. Humanismo. Ética.

ABSTRACT

This article deals with the technique in its relationship with humanism. No wonder over the depth and extent of "technicality" in the construction of "humanitas" of contemporary man. "We are" in the technique - which took many years Heidegger to claim that the technique was the metaphysics of our time. The work ethics and wealth (or poverty) of man are realities that fall on the technique, it is marked and directed. At the same insertion is knowledge, it is produced and presented at the technical organization that became the school. The very administration of Justice is highly technical. The problems that arise from this are what are to be thought to have some clarity about the sort of man.

Key-words: Technique. Humanism. Ethics.

¹ Doutor em História Social e Mestre em Filosofia pela USP. Diretor do Instituto Básico de Humanidades da Universidade de Taubaté (UNITAU).

² Mestre em Direito pelo Centro Universitário Salesiano de São Paulo (UNISAL). Professor de Direito Penal na Universidade de Taubaté (UNITAU).

Introdução

Não se estranha mais a profundidade e a extensão da “tecnicidade” na construção da “humanitas” do homem contemporâneo. “Somos” na técnica – o que levou há muitos anos Heidegger a afirmar que a técnica era a metafísica de nosso tempo, e a acrescentar que “a essência da técnica não tinha nada de técnico”. Profunda palavra essa, que remete à própria compreensão do ser do homem, que existe, age e pensa nesse meio ambiente que é a técnica. Esse é o “destino” do homem moderno, é a forma de sua historicidade. O trabalho, a ética e a riqueza (ou pobreza) do homem são realidades que se inserem hoje na técnica, são por ela marcados e direcionados. Nessa mesma inserção está o conhecimento, como é produzido e exposto na organização técnica em que se tornou a escola. A própria administração da Justiça é profundamente técnica e às vezes a falta de um pequeno detalhe técnico pode pôr a perder toda uma causa. Os problemas que nascem daí são o que se há de pensar para se ter alguma lucidez sobre a sorte do homem.

1. Da mitologia ao pensamento filosófico

Vamos re-cordar a mitologia. Ela nos fala do fundo dos séculos de nossa cultura. É o caso paradigmático e fundador do “desvio de conduta” de Prometeu que, de certo modo, foi infiel ao interdito divino e transmitiu aos homens o segredo do poder de Zeus³. Ensinou aos homens as técnicas do fogo e do trabalho. Zeus o castigou exemplarmente, no alto do Cáucaso, submetendo-o a um sofrimento eterno. Seu fígado era devorado todos os dias por uma águia, e refeito todas as noites. O que terá provocado em Zeus tal ira e tal vingança? Pode-se ouvir a palavra do mito de muitos modos. Mas parece-nos possível entender que a mitologia acena para uma origem “condenada” do trabalho, esse ato pelo qual o homem “domina” as coisas, sai de sua dependência e ignorância, e se assume.

Também não seria fora de propósito re-cordar a recusa da técnica por Aristóteles, que nela viu um processo de alienação do homem, na medida em que a “póiesis” termina num

³ A história das tentativas de Prometeu para enganar a Zeus estão narradas por Hesíodo, em sua Teogonia, v. 507-616. TORRANO, Jaa, 1991, p. 135-138.

produto externo, cujas regras são ditadas ao produtor de fora, da parte do usuário. Pode-se explicar essa posição, claramente ideológica, pela pertença de Aristóteles a uma classe aristocrática e rica, que sobrevivia do trabalho escravo, em que se tornava “natural” a condenação da atividade produtora. Mas a linha de força da especulação ética de Aristóteles marcou profundamente, como é sabido, a moral e o direito de nossa cultura e, em mais de um ponto, não se deixará de dar razão ao estagirita, pelo exame da história do trabalho no Ocidente. Essa história dá conta de muita opressão, exploração do homem pelo homem, escravização da força de trabalho. Nos nossos dias, a expansão considerável da produção pelo avanço tecnológico não beneficiou ainda a humanidade globalizada. A concentração da riqueza e do bem-estar em mãos de poucos e a conseqüente degradação de grande parte da humanidade são fatos facilmente observáveis. O progresso técnico – “Prometeu foi desacorrentado”, na expressão feliz de Hans Jonas -, não tem criado aquele mundo feliz e prazeroso, de alguns românticos pensadores da Modernidade, a começar pelos humanistas dos séculos XV e XVI. O que, de fato, tem acontecido é que o espírito técnico nos tem envolvido de tal modo que nossas existências se tornaram “técnicas”, o homem moderno se “protetizou”, não só não podendo mais viver sem os objetos técnicos, mas incorporando-os em seu modo de ser. A lição de Aristóteles foi de vez repudiada. É preciso ver isso de mais perto.

2. Relação recíproca do humano e do técnico

O avanço histórico dos processos de produção e de conhecimento, levados ao clímax pelas diversas “ondas” da revolução industrial, até essa última, dos anos 90 do século passado para cá (as redes digitais, software e novas mídias), possibilita que se afirme que o momento presente revela, na verdade, todos os sinais de uma revolução científica e técnica portadora de uma mudança de civilização tão considerável quanto foram, para os séculos anteriores, os efeitos dos desenvolvimentos da mecânica ou aquelas da máquina a vapor⁴.

Não é necessário aqui aprofundar na história desses fatos. Basta que experimentemos a presença dos objetos técnicos em nossas vidas e as relações com eles estabelecidas. Já é uma boa entrada para o conhecimento do espírito de nosso tempo, o espírito técnico que norteia nossos empreendimentos, tarefas, modos de ver. São ferramentas e “próteses”, que não apenas

⁴ Veja-se SCHEPS, 1996, p. 17.

prolongam de certo modo nossos corpos: instalam nosso modo de ser, de pensar, de agir. São próteses da inteligência. Até nas propostas de nossos comitês de ética, aliás, extremamente necessários, há a presença do técnico. O mundo do trabalho, sendo visceralmente técnico, deixa pouca margem de sobrevivência para o trabalhador que não se “habilitou” para as novas demandas.

De modo muito especial, observa-se essa “tecnicidade” nas ciências e tecnologias da vida. Aliás, cada dia faz menos sentido distinguir esses dois campos, ou no mínimo seria necessário considerar a ruptura entre ciência e tecnologia, pois essa caminha hoje seu caminho particular, de modo a constituir seu próprio “sistema”, como já pensara Jacques Ellul, nos anos 50 e 70⁵. Vale trazer à escuta estas palavras de Bernard Stiegler, professor de filosofia da Universidade de Compiègne (SCHEPS, 1996, p. 176):

(...) quando um geneticista tem acesso à memória da espécie, isto é, ao genoma, e pode modificar sua estrutura, é evidente que a memória nervosa desse geneticista e, por meio dele, da sociedade na qual ele vive, entra na memória da espécie e modifica, transgride totalmente o interdito que era a própria base da diferenciação vital, a saber: a incomunicabilidade entre as memórias nervosa e genética. Como todo mundo sabe hoje, isso traz o problema de um engenismo racional de fato, mas diz respeito também à técnica em geral, além da biologia.

E conclui o mesmo filósofo:

Isso significa mais amplamente que já não há essência, pois já não se pode dizer o que é essência da vida ou a essência do homem, considerando-se que se pode imaginar, hoje, uma transformação do homem em seus caracteres biológicos” (Ibidem).

Vale dizer que a intervenção no âmago da vida leva à conclusão de que a “estabilidade eterna do que é” com que sonharam os filósofos gregos já não preside mais à definição da “essência”. Torna-se de novo grave problema a relação entre Ser e Devir, não mais uma questão de filósofos, mas das sociedades desenvolvidas nos próximos anos, o que já se vem observando nos debates atuais sobre o futuro. O citado Stiegler diz que tais debates se estenderão quer se trate do planeta no plano ecológico, do ser vivo (animal, vegetal ou humano) ou a relação do próprio corpo com as próteses – e isso se tornou crucial com as

⁵ *La technique ou l'enjeu du siècle*. Paris: Colin, 1954; *Le système technicien*: Paris: Calmann-Levy, 1977.

nanotecnologias e as próteses corporais interiorizáveis (ibidem, p. 177). Protetizar o corpo, a ponto de haver a pretensão de duplicar os corpos – o que traria o problema da identidade. Onde pararia meu ego?

3. A questão ética

Várias questões vêm compor o grande problema ético suscitado pelas possibilidades incomensuráveis da tecnologia contemporânea.

1 - Uma questão de fundo: o que perdemos e o que ganhamos no projeto de felicidade que é intrínseco, eticamente, ao ser humano? Talvez devêssemos definir a felicidade, o que nos levaria longe demais. Mas certamente sabemos que a qualidade de vida exigida como expressão desse projeto não pode consistir no consumo imposto e alienante em que nos vemos metidos. Uma análise elementar de nossas vidas dá conta disso.

2. Diante desse “destino” da técnica, temos o direito de dizer “não”? A contribuição técnica em todos os setores da existência não pode ser depreciada e se há o que lamentar é que nem todos têm acesso aos benefícios, especialmente na área da saúde. Mas é preciso mais do que negociar com Prometeu. É preciso exercer a vigilância sobre esse deus, de modo que esteja a serviço, e não como dominador e senhor de nosso destino. Que tipo de vigilância seria essa? De princípio, é a vigilância da consciência.

3. Como conscientizarmo-nos a nós mesmos e a sociedade, para uma moral da responsabilidade que tenha de ser aceita e praticada pela coletividade, para ter alguma eficácia? Uma ética comunitária, fundada em valores socialmente compartilhados, como a liberdade, a justiça e a responsabilidade (DOMINGUES, 2004, p. 169). Algo na linha do que propôs Hans Jonas (2006) que sugere uma ultrapassagem das éticas antigas, preferencialmente orientadas para a ação individual, em direção a uma ética da responsabilidade para a coletividade e o futuro.

Hans Jonas parte justamente da revolução tecnológica, em especial da biotecnologia, e julga que já não temos alcance sobre as consequências de nosso agir, quando as modificações possíveis no meio-ambiente, como na própria espécie humana, vão muito além, no espaço e

no tempo, representando, ao limite, uma imposição sobre as gerações futuras. Em virtude disso, torna-se necessário pôr em exercício um novo princípio (categórico) de ação, o que ele denomina “princípio-responsabilidade”:

Age de modo a que os efeitos de tua ação sejam compatíveis com a permanência de uma autêntica vida humana sobre a terra; ou expresso negativamente: Age de modo a que os efeitos da tua ação não sejam destrutivos para a possibilidade futura de uma tal vida; ou simplesmente: Não ponhas em perigo as condições necessárias para a conservação indefinida da humanidade sobre a Terra; ou, em um uso novamente positivo: Inclua na tua escolha presente a futura integridade do homem como um dos objetos do teu querer (2006, p. 47-48) (grifos nossos).

Mas tal princípio não passaria de uma abstração se não pudesse ser aplicado à esfera comunitária e pública. Não se pode contar apenas com a consciência individual. Explica Giacoia Junior que o novo imperativo não se dirige, como o kantiano, ao comportamento do indivíduo privado, mas ao agir coletivo, de modo que sua destinação não é a esfera próxima das relações entre singulares, mas o campo da política pública. A concordância que Jonas reivindica não é a compatibilidade lógica interna da vontade, nem a do ato consigo mesmo, mas a concordância entre os efeitos últimos do ato com a permanência da atividade humana autêntica no futuro. O imperativo kantiano “totalizava” no sentido de transferir a máxima subjetiva a uma hipotética comunidade de todos os seres racionais (situação em que a máxima da vontade não geraria autocontradição); para Jonas, “a totalização se faz a partir da objetividade dos efeitos do agir coletivo que, em sua realidade, afeta a humanidade como um todo” (2000, p. 200).

4. Não podemos demonizar a biotecnologia (embora pareça a alguns que ela é coisa do diabo). É possível que não possamos também praticar o otimismo de Gianni Vattimo, para o qual a biotecnologia:

nos coloca diante do fato inegável de que cada vez mais a vida depende de nós, e não de potências obscuras ou de alguma divindade que decide, em que compreendamos, os momentos do nascimento e da morte (...) As coisas não caminham mais naturalmente, devemos deliberar sobre elas. E como deliberar? Com base em uma posição puramente arbitrária ou em acordo com os outros?”(apud DOMINGUES, 2006, p. 171).

O problema está justamente aí: como produzir esse consenso e como equipá-lo das garantias morais e políticas. E há mais. O pensador italiano acha que, nesse clima, “é possível resolver todos os nossos problemas éticos com base no respeito à liberdade do sujeito efetivamente interpelável” (cit. por DOMINGUES, 2006, p. 172). O grande problema estará com os “não-interpeláveis”, como a massa dos sem-voz, dos miseráveis e das gerações futuras. Não há como consultá-las. Para resolver em parte essas questões que subjazem à pesquisa os americanos, em seu renomado pragmatismo, inventaram uma profissão: o eticista (ethicist, em inglês). É bem uma maneira técnica de tentar resolver os problemas éticos.

Conclusão

Não se pode concordar com Nietzsche, para o qual o homem é um animal que não deu certo. Não temos o direito de sermos niilistas, e acompanharmos nossa época, que tenta preencher o nada de sua vida pelos inúmeros e cada vez mais sofisticados objetos técnicos de consumo. Voltemos à mitologia, agora não mais a Prometeu, mas a seu irmão, Epimeteu, o que pensa depois. Como se sabe, ele se deixou apaixonar por Pandora e, morto de impaciência, abriu a caixa que essa belíssima mulher, filha dos deuses, trazia em segredo. Ali se guardavam todos os bens e males possíveis, que se espalharam logo por toda parte. Às pressas, Epimeteu fechou a caixa de Pandora, onde só ficou um bem, a Esperança. É nesse bem que assentamos a nossa crença. De que nos libertaremos do que nos escraviza na técnica, nos reencontraremos como senhores do que somos e produzimos. Quem sabe, para um novo amanhecer do humano.

Para alcançar esse amanhecer, talvez seja necessário nos convidar a uma (nova) estética da Existência, em que nos reja, acima de toda utilidade e de toda a manipulação, próprias do pensamento técnico, a fundamental experiência da Beleza, viável com o exercício consciente da renúncia ao consumo sem limites e à idéia de que se deve procurar a prosperidade a qualquer custo.

Bibliografia

DOMINGUES, Ivan. Ética, ciência e tecnologia. **Kriterion** - Revista de Filosofia, n. 109, p. 159-174, jan./jun. 2004.

GIACÓIA, Oswaldo. Hans Jonas: o Princípio Responsabilidade. Ensaio de uma ética para a civilização tecnológica. In: OLIVEIRA, Manfredo A. de. (Org.). **Correntes fundamentais da Ética Contemporânea**. Petrópolis: Vozes, 2000, p. 193-206.

JONAS, Hans. **O Princípio Responsabilidade**: Ensaio de uma ética para a civilização tecnológica. Tradução de Marijane Lisboa e Luiz Barros Montez. Rio de Janeiro: Contraponto-Ed. PUC-Rio, 2006.

SHEPS, Ruth (coord.). **O Império das Técnicas**. Tradução de Maria Lúcia Pereira. Campinas, SP: Papyrus, 1996.

TORRANO, Jaa. **Hesíodo. Teogonia**: A origem dos deuses. São Paulo: Iluminuras, 1991.